

Um malandro cabo-verdiano na novela *Ptolomeu e a sua viagem de circum-navegação*, de Tchalê Figueira

Érica Antunes Pereira
Universidade de São Paulo

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA CABO-VERDIANA, NOVELA, MALANDRO.

KEYWORDS: CAPE VERDEAN LITERATURE, NOVELLA, TRICKSTER.

Proveniente do italiano *malandrino*, os primeiros registros do termo *malandro* na língua portuguesa datam do século XIX e se referem a um “sujeito brigão, intrometido” (Rocha, 2004: 46). Costuma-se, na literatura brasileira contemporânea¹, associar à imagem do *malandro* certas características, como o gingado no caminhar – como se estivesse se esgueirando –, a atração pelas mulheres, o amor pela noite, pela bebida, pelo jogo e pelo cigarro, além do abuso da confiança alheia com o intuito de levar vantagem.

A personagem Ptolomeu Rodrigues, protagonista da novela *Ptolomeu e a sua viagem de circum-navegação*, publicada em 2005 pelo cabo-verdiano Tchalê Figueira, também alberga todos esses ingredientes: trata-se de um velho marinheiro natural da ilha de São Pedro (nome ficcional da ilha de São Vicente, no arquipélago de Cabo Verde) cujas aventuras são

¹ Entre os escritores brasileiros que adotam a malandragem como tema e os malandros como personagens, destaca-se João Antônio, autor de várias obras, podendo ser referidas *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* (1963), *Leão-de-chácara* (1975) e *Abraçado ao meu rancor* (1986).

perpassadas por largas doses de bebida e sexo e que, tal como os malandros do Brasil e de outras partes do mundo, tem uma postura de vadiagem aliada à astúcia e à popularidade:

Hoje, já velho e constantemente bêbado, Ptolomeu Rodrigues vai, todos os dias, pela tarde, sentar-se no seu banco favorito, na Praça de S. Pedro. Dali, ele vê o mar e sonha. Fala, quase sempre, sem parar e nos seus monólogos, aparentemente sem sentido, dilui-se nas intermináveis aventuras vividas.

Para soltar a língua, carrega com ele um grogue fedorento, que bebe de uma garrafa de coca-cola, das de litro. Grogue demoníaco que o faz retroceder no tempo e reviver, de uma forma entusiástica, a atribulada vida de marinheiro. (Figueira, 2005: 18)

Utilizando um vocabulário grosseiro que remete à linguagem de “praça pública”, ou seja, dotada de “liberdade, franqueza e familiaridade”, nos moldes propostos por Mikhail Bakhtin (2002: 132), a personagem relata, da fictícia ilha de São Pedro, para um interlocutor que também faz as vezes de narrador², suas peripécias em países como a antiga União Soviética, a Holanda, a Espanha, a Irlanda, a Argentina, o Japão e o Brasil. O repertório linguístico instaura o grotesco, localizado “em quase tudo aquilo que os gregos enfeixavam na expressão *paraskóptē pollá*, isto é, as brincadeiras escatológicas, as obscenidades, os ditos provocativos, capazes de provocar o riso” (Sodré; Paiva, 2002: 35-36), como pode ser constatado na seguinte passagem:

Não é que o cabrão de um alemão, bêbado, sobe a ponte numa noite em que estava de vigília com um oficial filipino... Com a cara avermelhada e fedendo a *Schnaps*, sem cerimónias, entra na sala de comando, desaperta o cinto dos calções que vestia e juro-vos que vi um cu branco, mais branco que a bunda da Branca de Neve. O *Kraut*, sem-vergonha, agachado durante minutos, caga no meio da ponte a seu bel-prazer, e, num cheiro nauseabundo e insuportável, sobe os calções sem limpar o rabo. Então, lentamente, dirige-se para o canto onde assisto ao asqueroso espectáculo.

² Descrito como o “artista”, esse interlocutor-narrador possivelmente seja uma representação do próprio Tchalê Figueira, como fazem crer as páginas 19, 29, 38, 55, 67 e, sobretudo, o seguinte trecho da p. 70: “Regressando à minha sala, procura mais um trago do conhaque que já está no fim e bebe com raiva: ‘Caro Carlos, os *portinhos* quase que me linchavam.’ Fico sem palavras. É a primeira vez que Ptolomeu, após todos estes anos, me chama pelo meu nome próprio”. O autor da obra, de fato, é um artista – escritor e pintor – e tem como nome de batismo Carlos Alberto Silva Figueira. Outra coincidência pode ainda ser considerada, como o fato de o interlocutor-narrador conhecer bem a língua alemã (p. 19), tal qual Tchalê Figueira.

Cheirando a cloaca, ele grita: ‘Rodrigues, *putz meine Scheisse!*’ Não houve reação da minha parte. Aquele horrível cheiro a merda sufocava e os meus pulmões estavam prestes a explodir. Berra de novo e não lhe dou trela. Insiste na dele e, agarrando-me na mão, o filho da puta tenta arrastar-me até onde jaz o cagalhão. ‘Bum, bum...’ O maricas come uma tremenda pinha no estômago e dobra-se de dor. Aproveito lindamente a situação e reenvio-lhe um extraordinário *uppercut* no queixo; e o gajo cai na sua própria merda’. (Figueira, 2005: 20)

A linguagem grosseira e/ou grotesca pode ser considerada o resultado prático de uma estrutura familiar pouco consistente ou mesmo ausente, já que composta por “dezoito irmãos do mesmo pai e de uma mãe que paria que nem porquinha-da-Índia” (Figueira, 2005: 12), preocupada exclusivamente com a “azáfama diária para a sobrevivência” (*ibid.*: 12). Da infância e juventude do protagonista, observa-se, além da falta de atenção lhe dedicada, o enorme desejo de “viajar pelo Mundo” (*ibid.*: 11), fato que o leva a fugir, pela primeira vez, aos quinze anos de idade, “sob um sol abrasador e com rapazes marginais” (*ibid.*: 11).

Para alcançar seu intento, Ptolomeu furta dinheiro da mãe, guardado para as despesas domésticas, e suborna um velho catraeiro, embarcando clandestinamente num navio cargueiro. Foi, entretanto, enganado, pois o destino da embarcação não era, como acreditava, para além do arquipélago do Fogo³, mas sim a ilha vizinha de Sant’Ana⁴. A consequência dessa primeira aventura foi “a prisão da ilha, onde foi vítima de espancamento dos carcereiros”, que lhe aplicaram “cinquenta e cinco bastonadas na sola dos pés que tanto incharam e que o deixaram de rastos por semanas” (*ibid.*: 18).

A violência, agregada aos demais elementos – vida familiar desestruturada e humilde, más companhias, necessidade de emigrar clandestinamente a fim de conquistar novos espaços –, traduzem uma situação de marginalidade social que, rapidamente, abre caminho à malandragem. A propósito, Roberto Da Matta situa a ação do malandro, caracterizado como “um papel social que está à nossa disposição para ser vivido no momento em que acharmos que a lei pode ser esquecida ou até mesmo burlada com certa classe ou jeito” (2001: 103), na região do prazer e da sensualidade. Comprovando essa assertiva na obra cabo-verdiana, a cena em que Ptolomeu desembarca na cidade de Vladivostok em busca de diversão desenha um quadro em que a bebida e o sexo (trocado por meias de *nylon* e calças *jeans*, artigos proibidos pelo regime comunista em vigor na então União Soviética) ganham destaque e imprimem força à imagem malandra do protagonista:

³ Nome fictício para o arquipélago de Cabo Verde.

⁴ Na realidade, ilha de Santo Antão, vizinha a São Vicente.

Farto da interminável beberagem, não aguento mais. Com o pau prestes a explodir, decido levantar-me e dirigir-me à mesa. Agarro no pénis erecto e, com uma das mãos, bato com ele em cima da mesa. Faz um estrondo... ‘Bum!’ Autoritariamente, grito: ‘*Stop drinking. Fucky, fucky, please.*’ Remédio santo. Tiram as roupas num ai e vejo pintelhos pretos, loiros e vermelhos. Como um tubarão martelo, ataco a loira esbelta. Ela, num salto de tigre, com cio, pula para o meu colo. Prendo-a nos meus braços e, sem cerimônias, meto tudo nela. Sente o potencial da mangueira e geme de prazer. Incrível, meu! (Figueira, 2005: 32)

Outra característica própria do malandro e em que se adapta perfeitamente o marinheiro da novela de Tchalê Figueira, como comprova a citada passagem, diz respeito à pertença a um mundo degradado ou a um submundo urbano habitado por figuras marginalizadas, como mendigos, prostitutas e ladrões. Nesse sentido, como alerta Roberto Da Matta, a “personagem nunca deve ser o homem comum, aquele que na dramatização representa a si mesmo por meio de sua rotina achatada e desinteressante”, sua vida deve ser “definida por meio de uma trajetória tortuosa, cheia de peripécias e desmascaramentos” (1997: 257).

Já o título da obra, *Ptolomeu e a sua viagem de circum-navegação*, prenuncia um rol de aventuras protagonizadas por uma personagem movediça, não convencional ou restrita a um dia a dia monótono, sistemático; adivinha-se ainda, e também pelo título, que o espaço privilegiado seja o exterior, o da rua, definida por Roberto Da Matta como um “local de individualização, de luta e de malandragem” (*ibid.*: 55) e “onde estão, teoricamente, o trabalho, o movimento, a surpresa e a tentação” (2001: 23). Esses dois aspectos se comprovam logo na página inicial da narrativa:

Quando Ptolomeu Rodrigues fugiu, pela primeira vez, com 15 anos, da sua ilha, num palhaborde em direção à vizinha ilha de Sant’Ana, para festejar as festas Juninas, soube de imediato que era um homem com destino e que, um dia, havia de viajar pelo Mundo. Mundo que, na aula de Geografia, anos atrás, na velha escola primária, a sua professora lhe explicara ser redondo como uma laranja, ao mostrar-lhe um globo terrestre com vários países exóticos. (Figueira, 2005: 11)

A atração pelo “exótico” – termo cuja acepção pode se atrelar tanto a algo exterior quanto a algo extravagante – torna-se o *Leitmotiv* ao longo da novela: o protagonista narra suas peripécias em variadas partes do mundo e as valoriza conforme lhes imprime um tom pitoresco revelado pela escolha lexical e semântica. Ademais, tendo escolhido o espaço exterior (a rua, o estrangeiro, o oceano) como casa, Ptolomeu assume um caráter pejorativo que revela (e é revelado por) sua marginalidade e sua malandragem.

A predileção pelo espaço externo sobrevive ao tempo, já que, mesmo depois de abandonar a função de marinheiro e voltar para a terra natal, mais especificamente para a Ilha de São Pedro, a personagem, já envelhecida, continua sem paradeiro e pode ser identificada como um bêbado ou mesmo um mendigo que vagueia pelas ruas da cidade em companhia dos cães, em especial o de nome Pincel:

Chega à praça sempre na boquinha da tarde e, como um membro complementar, acarreta a velha garrafa cheia de grogue. Vem sempre escoltado pelo cão Pincel, seu amigo, que o protege dos meninos delinquentes, abandonados ao deus dará, que pululam nas ruas da cidade. (*ibid.*: 19)

Na referida praça costuma ocorrer diariamente o encontro do ex-marinheiro malandro com o “artista”, o interlocutor privilegiado que, na novela, também faz as vezes de narrador. Desfiam-se, então, a conta-gotas, as aventuras vividas por um homem de vasta experiência cultural em suas viagens ao redor do mundo.

Nesse ponto, convém observar que, se seguirmos o conceito de malandragem estabelecido por Antonio Candido no ensaio “Dialética da malandragem”, perceberemos que *Ptolomeu e a sua viagem de circum-navegação*, a exemplo da obra *Memórias de um sargento de milícias*, do brasileiro Manuel Antônio de Almeida, apresenta um protagonista possuidor de características do herói pícaro, como, por exemplo, a origem humilde e o abandono familiar. Entretanto, a novela cabo-verdiana também escapa da tradição picaresca porque a personalidade do protagonista se distancia da ingenuidade e, além disso, a narração é intermediada pelo interlocutor (Carlos, o artista). De acordo com o teórico:

Em geral, o próprio pícaro narra as suas aventuras, o que fecha a visão da realidade em torno do seu ângulo restrito; e esta voz na primeira pessoa é um dos encantos para o leitor, transmitindo uma falsa candura que o autor cria habilmente e já é recurso psicológico de caracterização. (Candido, 1993: 19)

A novela de Tchalê Figueira deixa transparecer desvios de juízo moral e a aceitação risonha do homem que oscila entre o cinismo e a bonomia, tornando equivalentes a ordem e a desordem. Na relação apontada, observa-se o esmorecimento da relevância do *status* social, já que existe, entre o contador de histórias e o seu ouvinte, um compartilhamento de interesses que ultrapassa as diferenças de formação: o prático (Ptolomeu) e o acadêmico (Carlos) convivem e discutem a respeito de cinema, pintura e literatura, entre outros temas, com bastante familiaridade.

No entanto, se por um lado, no âmbito da narrativa, Ptolomeu parece driblar a marginalidade social à medida que assume a posição de “dono da história” ou centralizador de interesses, pelo outro sua marginalização econômica continua em evidência, pois o narrador insiste em descrevê-lo como bêbado inveterado que vive à base de esmolas. Assim, o fato de a novela se configurar a partir da perspectiva do narrador-interlocutor ratifica a impossibilidade do marginalizado (ou subalterno) falar (cf. Spivak, 2010) e reitera a fronteira sócio-econômica entre ambos.

Por consequência, a malandragem se apresenta como uma espécie de legítima defesa ou mesmo de resistência contra uma sociedade estratificada que, apesar de ensaiar, ainda não permite a ascensão social. Evidencia-se, pois, o desejo de ascensão por via da sedução e da astúcia empregadas na conquista feminina, como podemos notar em várias passagens da obra, como naquela em que Ptolomeu, estando em Roterdão, arruma trabalho num costeiro inglês para cuidar do cachorro da mulher do comandante, “um racista que não gosta de pretos” (Figueira, 2005: 48), e com ela acaba se envolvendo sexualmente:

Acertei emprego para dar assistência a um maldito cachorro... ‘Que vida de cão tem o negro’, deve ter pensado o comandante filho da puta, candidato a cornudo. Levantando o braço, Ptolomeu mostra os dedos, em forma de corno. A cabra com cio do comandante ‘bife’, na primeira noite, deixa o patrão dormindo encharcado em genebra e sobe para a ponte, onde estou na vigia. Só os três e um cão a bordo, não há perigo de alguém dar fé do romance que vai começar... (*ibid.*: 49)

Na verdade, não se trata exatamente de uma conquista, posto ter a mulher se insinuado para o marinheiro; de qualquer forma, opera-se uma resistência ou uma vingança deste com relação ao comandante dito racista. A superioridade feminina, entretanto, fica mais evidente à medida que ela demonstra indiferença por Ptolomeu durante o dia:

‘A gaja, meu, depois das longas noites de sexo, é comigo um icebergue de indiferença, na manhã seguinte. Pura e simplesmente, ela não me passa cartão. Fornicamos a noite inteira e, de dia, não me dirige palavra. Diurno, sou companheiro do Dog; nocturno, sou a sua máquina de foder. Estou farto da situação’ (*ibid.*: 50)

Sentindo-se incomodado e até ofendido com a indiferença da inglesa, a personagem apresenta uma segunda forma de resistência ao se envolver sexualmente, em Cork, na Irlanda, com “uma loira, com sardas na cara, e uma morena baixa e atarracada” (*ibid.*: 51), a primeira irlandesa e a segunda basca, deixando-as embarcar clandestinamente no costeiro. Rejeitada pelo marinheiro, a inglesa passa a sondá-lo e, ao descobrir a “traição”,

entrega-o ao marido e comandante, que, por sua vez, chama as autoridades. Ptolomeu e as duas mulheres clandestinas foram presos e a enrascada foi grande, já que ambas eram “simpatizantes dos grupos separatistas IRA e ETA” (*ibid.*: 55).

A resistência do marinheiro, portanto, esfumaça-se à medida que é dedurado pela inglesa, humilhado “com palavras racistas” (*ibid.*: 54-55) pelo comandante e considerado conivente com grupos separatistas pela polícia. Resta-lhe, então, mais uma vez, a marginalização, que procura driblar e enfrentar com o artifício da malandragem: consegue “trabalho como marinheiro de primeira” num “casco podre com o nome de *Stad Vlardingen*, onde o salário era uma merda. Mas... fazia viagens para o Brasil, país dos meus sonhos” (*ibid.*: 60). Assim, ainda que o “marinheiro de primeira” se perca na marginalização do “casco podre” e do “salário [que] era uma merda”, tira proveito da situação porque, afinal, o destino do barco lhe interessava: iria para o “paraíso das mulheres, da música e do místico” (*ibid.*: 72).

A passagem do protagonista por Salvador, Bahia, é marcada pela religiosidade afro-brasileira, pelos rituais de candomblé, sobretudo porque a mãe de santo jogou os búzios, revelando-lhe o destino: Ptolomeu, filho de lemanjá, morreria no mar e, um dia, o interlocutor (o “artista”) escreveria as suas memórias. Ou seja, aquela seria sua “última viagem de circum-navegação” (*ibid.*: 73).

Movido, desde a chegada, por uma estranha sensação de familiaridade com a *terra brasiliis*, o marinheiro busca se aproximar dos costumes, da gente e dos espaços marginalizados:

Como é óbvio, fui à zona onde existem centenas de bares com putas e gentes do mar. [...] Apanhei um táxi e fui dar a uma pensão perto do Pelourinho, zona histórica da Baía.

Bem instalado, fui passear pelas calçadas da maravilhosa cidade, com as suas centenas de igrejas.

Ouvindo música a brotar por todos os lados e hipnotizado pelo destino, acabei por chegar à zona das galdérias, dos chulos, dos malandros e dos marinheiros do Mundo. (*ibid.*: 73)

O processo de identificação se inicia quando, ao entrar “no bar Senhor dos Navegantes, repleto de putas loiras, morenas, mulatas e caboclas”, o protagonista é saudado por “todos os brasileiros presentes” com um “Saravá! Saravá!” (*ibid.*: 74-75). Logo em seguida, movido pela euforia, joga um beijo à mulata que acompanhava um marinheiro loiro, ao que é correspondido. O provável sueco, ciumento, usa da força para detê-la e Ptolomeu, condoído, com ele se embrenha em luta corporal, tendo como apoio “um arsenal de facas e de pistolas dos brasucas” (*ibid.*: 75), todos a defendê-lo.

Torna-se, então, “o herói do bar” e, agradecida, Madalena, a mulata, presenteia-lhe com beijos lascivos e a todos avisa: “Oh, gente! Esse homem ficou meu marido e nós vai

morar juntos. Quem bancar o velhaco com ele vai ter questão comigo!" (*ibid.*: 76). Assim, de fato, o protagonista vive com a "puta" alguns anos e, definitivamente, completa o processo de identificação com os brasileiros, seja participando dos cultos religiosos, seja incorporando o rol dos malandros:

Assim, conheci a Madalena, mulata arisca e com fogo para incendiar toda a cidade da Baía. Vivi com ela alguns anos. Trabalha na zona, no engate de marinheiros, e eu, de paletó branco e chapéu-de-panamá, jogo batota, bancando o cafetão. Ensina-me a respeitar os Orixás e vou ao terreiro, todas as sextas-feiras, purificar as energias.

[...] Aprendi a jogar capoeira na boca do porto, joguei todo o tipo de jogos de azar e fui o terror das mulatas, que tombava na areia das praias e comia. (*ibid.*: 76)

O relacionamento, entretanto, chega ao fim quando, em resposta ao ciúme doentio da companheira, Ptolomeu lhe aplica "um tremendo soco no olho" (*ibid.*: 78). Diante da possibilidade de sofrer represálias do coronel, o malandro foge para uma "pensão decente, no centro da cidade e, passados dias", arruma "uma coroa viúva, num salão de chá" (*ibid.*: 78). Com Dulce, professora viúva, e o cãozinho Anatolo, passa a viver num apartamento bem decorado de um bairro de alto padrão.

Ao estilo de Don Juan, Ptolomeu não deseja o amor, revelando-se, antes, um libertino, inconstante e luxurioso a exercer todo o fascínio para saciar seus prazeres e para obter vantagem financeira. A ascensão social, ao fim e ao cabo, é perseguida pelo malandro caboverdiano, que, para tanto, tal como outros malandros, vale-se da sedução e da

[...] máscara de bom amante a fim de fazer com que a mulher seduzida sinta uma experiência ou passe por uma situação que não imaginou sentir, nem passar. Procede, dessa maneira, com perfídia no intuito de colocar a mulher enganada a serviço de seus interesses. (Rateke Junior, 2006: 75)

O controle da situação escaparia, todavia, ao protagonista, que se apaixona verdadeiramente por Dulce; esta, além de aguentar as bebedeiras do marido, ensina-lhe "a gostar da literatura, da pintura e da boa música" (Figueira, 2005: 82). Ptolomeu nutre, pela "mulher de sua vida" (*ibid.*: 81), amor e admiração crescentes, elementos solidificadores do relacionamento por quatro anos. O rompimento do casal, aliás, foi involuntário, decorrente de um encontro com Madalena, que, por vingança, dedurou a situação de ilegalidade do marinheiro no Brasil:

Fui preso por estadia ilegal no país e deportado para S. Pedro. A querida Dulce, coitada, tudo tentou, com advogados, para a minha legalização, mas foi em vão... A polícia, danada, é muito poderosa no Brasil. [...] Fascistas, podres de merda! Sabes de uma coisa, artista? Vim do Brasil com muitas saudades da mulher que tanto amei. (*ibid.*: 83)

De volta à terra de origem, o arquipélago do Fogo (Cabo Verde), sozinho e sofrendo por amor, Ptolomeu cumpre um mês de prisão e tem recolhidos o passaporte e a cédula marinha. O Brasil, portanto, consagrou-se como a sua última viagem de circum-navegação e seria constantemente lembrado pela reprodução dos usos e costumes, entre as bebedeiras e a malandragem:

Nesses anos todos, joguei muita capoeira, dei muita porrada, fui várias vezes preso e, nas festas Juninas, montei uma banca com um jogo de dados, com sete números em vez de seis. [...] Os palermas apostavam também no sete e, como é óbvio, o dinheiro que arriscavam naquele número fantasma eu colectava de borla. Cambada de parvos! Quando é que se viu um dado com sete números... Por eu vir do Brasil, consegui vencer os pacóvios de que os dados, naquele país, eram diferentes... Ah! Ah! Ah... (*ibid.*: 83)

A astúcia, a artimanha e a trapaça, visando o locupletamento decorrente da ingenuidade alheia, continuam a fazer parte do cotidiano do protagonista, malandro interessado apenas na sobrevivência e que faz do bar e da rua a sua casa. Assim, dia após dia, o ex-marinheiro divide com o artista Carlos as suas aventuras na diáspora.

A viagem de circum-navegação constitui, de fato, um legado, já que, depois de ter narrado a saga experimentada no Brasil, o vaticínio da mãe de santo baiana se confirma: Ptolomeu, cumprindo seu destino de “filho de Iemanjá” (*ibid.*: 73), morreu afogado no mar e suas aventuras são recontadas em livro pelo seu interlocutor dileto.

Tal como o homônimo astrônomo, para quem a Terra era o centro do universo e em torno dela giravam os demais planetas do sistema solar, além do próprio Sol e da Lua, o Ptolomeu cabo-verdiano se caracteriza como a personagem central da novela de Tchalê Figueira: um marinheiro que, mesmo depois de impedido de partir para longe, viaja em torno de si mesmo, das suas próprias aventuras. E, por morrer afogado no mar de sua ilha natal, torna-a também o centro do universo, uma espécie de umbigo do próprio umbigo, o que quer dizer, em última instância, que a experiência do malandro cabo-verdiano está atrelada à vocação natural de voltar os olhos para o além-mar sem esquecer suas raízes identitárias.

Confirmando tal assertiva, alguns versos de Osvaldo Alcântara (pseudônimo de Baltasar Lopes, um dos fundadores da revista *Claridade*) são reproduzidos pelo narrador na página final de *Ptolomeu e a sua viagem de circum-navegação*:

O CAÇADOR DE HERANÇAS

Morreu hoje um capitão das ilhas,
 Não fui ao seu enterro por ele fumar... (*ibid.*: 87)

O poema de Osvaldo Alcântara, originalmente intitulado “Capitão das ilhas”, na verdade assim se apresenta:

Morreu hoje o capitão de um navio das ilhas.
 Não foi porque ele era bom
 e puxava afectuosamente o fumo do seu cigarro
 quando falava comigo
 que fui ao seu enterro.
 Nem tão-pouco porque conheci
 as tragédias náuticas
 que serviram de alicerce ao único poema,
 entre flores e caído de branco,
 que ele escreveu nesta vida.
 Fui ao seu enterro porque sou caçador de herança
 e queria confessar minha gratidão
 pela riqueza que ele me deixou,
 pela sua dimensão desmesurada do mundo
 e pela sua incorporação no veleiro em que todos navegamos. (Alcântara, 1991: 29)

A “recuperação de raiz”⁵, efetuada a partir do poema do claridoso Osvaldo Alcântara, ratifica necessidade de valorizar a própria história a fim de constituir uma identidade cabo-verdiana. Assim, as aventuras narradas por Ptolomeu ao interlocutor constituem a herança e a matéria prima para a eternização, por via da palavra escrita, da história de

⁵ Esta expressão é retirada do título da obra de GOMES, Simone Caputo (1993). *Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe*. Praia: ICL.

uma personagem que, metonimicamente (e não apenas pela característica da malandragem, mas sobretudo em razão da luta pela sobrevivência), representa a história de muitos cabo-verdianos.

BIBLIOGRAFIA

- ALCÂNTARA, Osvaldo (1991). *Cântico da manhã futura*. Linda-a-Velha: ALAC.
- BAKHTIN, Mikhail (2002). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais (1940; 1965)*. Tradução de Yara F. Vieira. 5. ed. São Paulo: Hucitec.
- CANDIDO, Antonio (1993). “Dialética da malandragem”. In *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 19-54.
- DA MATTA, Roberto (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma Sociologia do dilema brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- DA MATTA, Roberto (2001). *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- FIGUEIRA, Tchalê (2005). *Ptolomeu e a sua viagem de circum-navegação*. Coimbra: Mar da Palavra.
- RATEKE JUNIOR, Gilberto (2006). *Artes, manhas e artimanhas do malandro na literatura dramática brasileira (astúcia, sedução & criminalidade em O Noviço e Ópera do Malandro)*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientação: Odília Carreirão Ortiga.
- ROCHA, Gilmar (2004). *Madame Satã e a malandragem carioca*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel (2002). *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2010). *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida [et al]. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

RESUMO

O presente artigo objetiva traçar o perfil de um malandro cabo-verdiano na novela *Ptolomeu e a sua viagem de circum-navegação*, de Tchalê Figueira, publicada em 2005. Os conceitos propostos por autores como Antonio Candido e Roberto Da Matta acerca da malandragem respaldam a nossa análise, voltada ao estudo da personagem em relação com o seu meio.

ABSTRACT

The purpose of this article is to outline the profile of a Cape Verdean trickster in the novella *Ptolomeu e a sua viagem de circum-navegação*, by Tchalê Figueira, published in 2005. The concepts proposed by authors such as Antonio Candido e Roberto Da Matta around trickery support our analysis, aimed at the study of the character in relation to his environment.